

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 1150

Data: 09.06.83

Pg.: 8

Índio pataxó mata cacique e Leal insinua o envolvimento do Cimi

BRASÍLIA — Ao comunicar o assassinato do cacique pataxó Edísio, morto ontem na Bahia pelo índio Higino, também pataxó, o presidente da Funai, coronel Paulo Moreira Leal, declarou que o crime foi motivado “por pessoas interessadas na divisão e intranquilidade entre os índios”. Chamando o antropólogo Cláudio Romero para contar a história, o coronel disse-lhe, na frente dos jornalistas: “Quero que você reforce o relacionamento do Higino com o pessoal do Cimi (Conselho Indigenista Missionário)”, insinuando, assim, o envolvimento desse organismo religioso com o incidente.

Por sua vez, o secretário-geral do Cimi, padre Paulo Suess, ao tomar conhecimento da insinuação feita pelo coronel Leal e seus assessores, afirmou: “O assassinato é sinal de crise entre o povo Pataxó. Desconheço a acusação e ela é tão ridícula que não merece resposta. Caberia perguntar a quem interessa esta morte. Aos fazendeiros. A Funai dividiu este povo com a transferência e depois com a substituição de caciques feita pelo coronel Anael Lemos Gonçalves. A morte chega em boa hora, pois tira de ação os índios mais conscientes.” Informou ainda o padre Suess que o Cimi está entrando com habeas corpus em favor de Higino.

Edísio e Higino mantinham divergências quanto ao levantamento e demarcação da fazenda São Lucas, área de 1.200 hectares localizada dentro da reserva Caramuru-Paraguaçu, em Pau Brasil (BA), atualmente ocupada pelos índios. Enquanto Higino defendia a demarcação total da reserva de 36 mil hectares — temendo que jamais ela seria entregue de volta aos índios, pois está ocupada por

Conflito de terra, a origem da crise

BRASÍLIA — A morte do cacique Edísio é o desfecho de uma crise iniciada há um ano. Em abril do ano passado, os pataxós hã-hã-hães decidiram retomar parte de suas terras, a reserva Caramuru-Paraguaçu, entre os municípios de Itaju de Colínia e Pau Brasil, Sul da Bahia, ocupada por fazendeiros que arrendaram a terra na década de 40. O retorno foi acompanhado e apoiado pela Funai, e os índios, sob a chefia de Néelson Saracura, se instalaram na fazenda São Lucas, reclamada pelo fazendeiro Jener Pereira Rocha.

Dois meses depois, os fazendeiros, acompanhados pelos deputados Leur Lomanto, Angelo Magalhães e Henrique Brito, do PDS baiano, foram ao ministro do Interior, Mário Andreazza, pedir o despejo dos índios, dizendo que, se eles permanecessem na reserva, o PDS não teria o apoio dos cacauzeiros.

A partir daí, a Funai iniciou negociações com os pataxós, no sentido de transferi-los para outra fazenda (Al-

mada, de 120 ha), em Ilhéus. Nas negociações, a Funai prometia que, após as eleições, os índios retornariam à reserva. A promessa não foi cumprida e, 18 dias depois das eleições, Saracura comandou o retorno da comunidade, realizado à noite, em carros alugados.

A rebelião de Néelson Saracura foi punida e, em janeiro passado, a Funai promoveu eleições para escolha de novo cacique. Edísio foi eleito, substituindo Néelson. A Funai pediu e obteve então a manutenção de posse da fazenda São Lucas. Quando a Justiça iniciou o levantamento das benfeitorias para indenização dos fazendeiros, Edísio esteve em Brasília queixando-se da Funai, mas admitindo aceitar a proposta de que os índios ocupassem apenas esta fazenda. No dia 26 de maio, Higino esteve em Brasília dizendo que a comunidade não aceitava e denunciando pressões da Funai para que os pataxós aceitassem o acordo. Ontem, 11 dias depois da denúncia, Higino matou Edísio.

cacauzeiros e posseiros—Edísio defendia a demarcação dos 1.200 hectares, esperando a decisão da Justiça baiana sobre o restante da reserva. Essa posição é defendida também pelo coronel Leal.

Ontem pela manhã, os dois líderes indígenas discutiam o mapa da reserva quando, “friamente”, segundo o coronel Leal, Higino puxou uma faca e matou o cacique. O assassino foi preso em flagrante e o presidente da Funai prometeu agir “com todo o

rigor, mandando fazer uma profunda investigação para encontrar quem incentivou os índios a não aceitarem a demarcação. Higino, Samado e Nailson queriam prejudicar a ação da Justiça e, até o final da tarde de ontem (anteontem), 98 por cento da comunidade aceitavam a demarcação”.

Disse ainda o coronel Leal que “elementos pseudodefensores da causa indígena estão criando focos de tensão em diversos postos indígenas, impedindo que a Funai busque a paz”.